

## "AO FRONTÃO, AO FRONTÃO!" – A PELOTA BASCA EM CURITIBA (1896-1905)

### "¡Al frontón, al frontón!" - La pelota vasca en Curitiba (1896-1905)

### "To the fronton, to the fronton!" - The basque pelota in Curitiba (1896-1905)

Leonardo do Couto GOMES <sup>1</sup>  · Letícia Cristina Lima MORAES <sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná (Brasil)

#### Resumo

A década de 1990 é um período importante para a institucionalização do futebol de mulheres no Brasil. Impulsionado pela realização da primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino na China (1991) e pela introdução da modalidade nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), o futebol de mulheres passou a aparecer nas páginas esportivas de jornais brasileiros de grande circulação. O objetivo deste artigo é analisar as representações da mídia impressa brasileira sobre o futebol de mulheres, na década de 1990, a partir das notícias que envolviam sua prática especialmente no contexto de sua seleção nacional. Para isso, foram selecionados dois jornais de grande circulação: O Estado de S. Paulo e o Jornal do Brasil. Conclui-se que as representações do futebol de mulheres na mídia impressa transitavam entre a erotização do corpo das jogadoras e o estranhamento àquelas que não se adequaram a determinados padrões considerados socialmente como aceitos, observando-se claros indícios de lesbofobia na imprensa brasileira.

**Palavras-chave:** História das mulheres, História do esporte, Imprensa, Brasil .

#### Resumen

El estudio tiene como objetivo discutir las experiencias con la pelota vasca promovidas en Curitiba, capital del estado de Paraná, situado en el sur de Brasil, en el período comprendido entre 1896 y 1905. El marco temporal considera la primera ocurrencia identificada de la práctica y el momento en el que hubo una reducción en la promoción del pasatiempo. Como fuentes, se utilizaron las publicaciones periódicas editadas en la capital de Paraná durante el período en cuestión. La intención era investigar su dinámica social, así como los discursos de adhesión a las ideas de civilización y modernidad que se forjaron en torno a esta práctica. Se concluye que la pelota vasca, aun en medio de una serie de debates sobre su moralidad por su proximidad al juego, fue testigo y partícipe de las tensiones de aquella sociedad curitibana que buscaba consolidarse como un espacio moderno y urbano. Por lo tanto, la dinámica se articuló con los discursos de adhesión y el imaginario de la modernidad revividos en la capital de Paraná durante el período investigado, forjando alrededor de la práctica relaciones con la higiene y la salud, además de representaciones sobre su utilidad como formulador de

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivatives (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reutilização, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada e não seja alterada, transformada ou construída de qualquer forma.

comportamentos considerados civilizados durante la escena pública, pero también como una práctica vinculada a comportamientos moralmente controvertidos, especialmente en relación con las apuestas.

**Palabras clave:** Historia del ocio, Pelota Vasca, Curitiba.

## Abstract

The study aims to discuss the experiences with the Basque pelota vasca promoted in Curitiba, capital of the state of Paraná, located in southern Brazil, in the period between 1896 and 1905. The time frame considers the first identified occurrence of the practice and the moment in which there was a reduction in the promotion of the pastime. As sources, the periodicals published in the capital city of Paraná during the period in question were used. The intention was to investigate its social dynamics, as well as the discourses of adherence to ideas of civilization and modernity that were forged around the practice. In conclusion, the Basque pelota, even in the midst of a series of debates as to its morality due to its proximity to gambling, witnessed and participated in the tensions of that Curitiba society that sought to consolidate itself as a modern and urban space. Ultimately, the dynamic was articulated with the discourses of adherence and imaginary of modernity revived in the capital of Paraná during the period under investigation, forging around the practice relations with hygiene and health, in addition to representations about its usefulness as a formulator of behaviors considered civilized during the public scene, but also as a practice linked to morally controversial behaviors, especially in relation to betting.

**Keywords:** History of leisure, Basque pelota, Curitiba.

## Introdução

Mesmo que ainda não muito estudada cientificamente, a pelota vasca é um jogo que se fez presente no cotidiano de diversas cidades, inclusive brasileiras<sup>1</sup>. Essa prática, como no próprio nome é veiculada, é originária da região vasca, localizada ao norte da Espanha. Basicamente, se trata de uma atividade que consiste em rebater uma bola em frente a uma parede de concreto com as próprias mãos, com raquetes e/ou outros artefatos próprios, podendo a pelota tocar apenas uma única vez no solo.

Segundo Melo (2016), os primeiros relatos da pelota vasca no Brasil aconteceram em 1891 na então capital federal, o Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, a prática ganharia espaços específicos para sua realização em terras cariocas e, no ano seguinte, em São Paulo. Divulgado como uma prática inovadora, saudável, higiênica<sup>2</sup> e moderna, o jogo tentava se assemelhar ao conjunto de mudanças civilizadoras e progressistas almejadas em âmbito nacional, não demorando para mobilizar ações em outras localidades cuja adesão a ideias de modernidade também se estruturavam.

A pelota vasca também se fez presente em Curitiba, cidade ao sul do Brasil que, assim como outras capitais brasileiras durante a transição dos séculos XIX e XX, passava por intensas transformações ligadas a circulação de noções de modernidade, civilização e progresso<sup>3</sup>. As experiências cidadinas na capital paranaense, nesse período, estavam sendo singularmente

<sup>1</sup> É possível encontrar relatos da presença da prática em jornais de cidades brasileiras como Santos, Porto Alegre, Paranaguá, São Paulo, Rio de Janeiro e Belém.

<sup>2</sup> De acordo com Melo (2016), a ligação do jogo com a preocupação com a higiene e saúde foram alguns dos caminhos percorridos para construir um novo entendimento sobre as práticas de atividade física, isto é, como algo útil.

<sup>3</sup> Nosso entendimento a respeito dessas noções está intimamente ligado com as percepções de Azevedo (2014, 2016). Parte-se, portanto, de uma perspectiva que associa tais conceitos, durante a temporalidade investigada, a um pensamento de uma elite republicana de ordem liberal que buscava o desenvolvimento material da sociedade brasileira do período estudado, sobretudo, por meio de avanços morais, intelectuais, sociais, políticos, culturais e artísticos.

impulsionadas pela produção e pelo comércio de erva-mate na região, que, ao transcorrer do século XIX, ganhavam produtividade em escalas industriais (Pereira 1996).

Estimulada pelo cultivo do mate, Curitiba vivenciava uma industrialização precoce se comparada à realidade brasileira de meados do século XIX. Esses aspectos traziam às ruas curitibanas novas sensibilidades urbanas, gestando inéditas dinâmicas cidadinas e, assim, a população passava a exigir intervenções do Estado no que diz respeito à estruturação urbana para que essas experiências fossem efetivadas. A construção de logradouros pavimentados, saneamento e distribuição da água, iluminação, transporte público, instalações para saúde, educação e espaços de lazer eram anseios frequentes dos curitibanos (Sêga 2001). A criação e gestão de um mercado de entretenimento, inclusive, foi resultante desses desejos (Grunner 2012).

Há que se ter em conta que na década final do século XIX, algumas ocorrências também interferiram no dinamismo da vida pública curitibana, como o aumento crescente da presença de imigrantes na região que vinha sendo estimulada pelo governo desde 1867, trazendo diversos artefatos e costumes para a cidade (Molina 2020). A abolição da escravidão em 1888 também gerou uma certa instituição do trabalho livre na cidade (Ribeiro 1985). Além disso, surtos epidêmicos entre 1889 e 1891 ascenderam preocupações com doenças que acabaram por incentivar reformas urbanas, envolvendo principalmente noções de saúde pública, higiene pessoal e coletiva (Bertucci 2011).

A Revolução Federalista (1893-1895<sup>4</sup>), por sua vez, foi outro acontecimento que promoveu movimentações na estrutura urbana e política da cidade, trazendo consigo a presença de novos indivíduos à urbe (principalmente militares), além de também provocar a morte<sup>5</sup> de sujeitos que detinham certas influências na capital. De toda forma, as principais modificações de Curitiba foram mesmo implementadas nos anos finais do século XIX e principalmente nas primeiras décadas do século XX, sob apoio direto das finanças do mate (Pereira 1996).

Curitiba, dessa maneira, iniciava um aflorar da sua malha urbana, impulsionada diretamente por influências culturais advindas da Europa, notadamente, Inglaterra e França. Não é sem propósito, então, que o período é chamado por alguns historiadores de *belle époque* curitibana (Trindade 1992, 1996; Sêga 2001; Benvenuti 2004; Molina 2020). Souza (2014, 37) bem descreve algumas das melhorias urbanas desenvolvidas na cidade, especialmente as relacionadas a experiências de lazer:

Se estabelece a limpeza da praça D. Pedro II (após 1889, praça Tiradentes), a reforma da Catedral Nossa Senhora da Luz, a construção do Passeio Público em 1885, os melhoramentos da rua Imperatriz, a ampliação do acervo da Biblioteca Pública, o projeto de cobertura do rio Ivo e, em 1887, a inauguração dos bondes de mula, o primeiro sistema de transporte da cidade. A instalação da luz elétrica permitia que os divertimentos da cidade ganhassem a noite, os cafés e lojas estendiam seu expediente, para se adaptarem aos novos horários. A cidade ampliava em grande velocidade as opções de lazer. (Souza 2014, 37)

Com a emergência de cafés, teatros, praças, parques, sistema de transporte, luz elétrica e outras estruturas cidadinas, a população curitibana parecia manifestar interesse em usufruir dessa cena pública que se moldava. Além disso, Curitiba dobrava sua população entre os anos de 1890 a 1900, passando de 24.533 para 50.124 habitantes, aspecto importante para a sustentação de comércios, inclusive recreativos.

Foi nessa janela de efervescência, em meados de 1896, que os jornais curitibanos noticiaram a primeira experiência com a pelota basca na cidade. Para Moraes e Silva (2011, 2015), ao estudar a formação de um cenário esportivo em Curitiba, a pelota basca foi um divertimento encarrado como importante símbolo de esforço modernizador, e teve impacto significativo na produção de pedagogias na cidade, ditando maneiras corretas de se portar durante a cena pública, a ponto de

<sup>4</sup> Para maiores leituras, ler Sêga (2001).

<sup>5</sup> Dentre os sujeitos de influência mortos durante a Revolução, ganha destaque o Ildelsonfo Pereira Correia, comumente chamado de Barão do Serro Azul. Foi um importante político e um dos principais empresários (se não o principal) da indústria ervateira da cidade. Acusado de conspiração, acabou perdendo sua vida em 1894. Sua morte, segundo Pereira (2016), abriu as portas do mercado de erva-mate para outros empresários, gerando a emergência de novas fábricas na cidade e profundas modernizações de suas produções.

produzir imagens idealizadas dos espectadores e dos jogadores que frequentavam os ambientes de jogo. Moletta Junior (2009) e Souza (2014) também dedicaram à modalidade algumas linhas. O primeiro indicando alguns lugares de onde e como a prática teria sido realizada, e o segundo sugerindo que essa foi uma das diversões mais populares do seu tempo. Apesar de os estudos anteriores fornecerem alguns detalhes sobre a pelota basca em Curitiba, os autores supracitados abordaram temporalidades posteriores às que foram delimitadas na presente pesquisa, e não focaram seus esforços especificamente nas experiências com esse divertimento.

Sendo assim, levando em consideração que a pelota basca pode representar uma das tantas mudanças que marcaram a sociedade curitibana durante a transição do século XIX para o XX, esse estudo tem por objetivo discutir as experiências ocorridas na capital paranaense em torno do jogo entre os anos de 1896 (momento em que foi localizado o primeiro registro sobre a realização da prática) e 1905 (quando percebe-se um declínio de registros sobre a prática). O intuito é, nesse sentido, prospectar a relação do divertimento e seus espaços de oferta com os discursos de adesão às ideias de civilização e modernidade que se forjaram ao seu redor.

Para alcançar o objetivo, utilizou-se como fontes os jornais do período em tela. Levou-se em consideração que no recorte temporal proposto em nossa pesquisa, a imprensa já demonstrava vigor e, ao mesmo tempo, também detinha como característica a inspeção da vida pública (Corrêa 2009). Sendo assim, os periódicos comumente continham informações sobre o cotidiano de Curitiba, emitindo suas opiniões, impressões, posições e divulgações, tornando-os ricas veias factuais de expressão de distintas sensibilidades da época – podendo, assim, auxiliar-nos na apreensão das interrogações deste artigo.

Além disso, o fato de não localizarmos outros materiais sobre as experiências com a pelota basca também fez com que nos apropriássemos exclusivamente dos jornais. Temos clareza sobre os limites dos folhetins como fonte de pesquisa, contudo, ao mesmo tempo, concordamos com Certeau (1982) em relação a nenhum trabalho histórico ter condições de dar conta de todas as possibilidades empíricas investigadas. Nesse sentido, o uso/análise dos periódicos foi baseado a partir do que sugere Luca (2005), sempre considerando possíveis interferências da materialidade do veículo e de sua emissão.

Tendo isso em conta, se faz necessária uma breve exposição do perfil dos periódicos utilizados. Primeiramente tem-se o jornal *A Republica* – vinculado diretamente ao partido republicano, o jornal foi fundado em 1886 e teve circulação até 1930. Tinha como principal intenção pôr a população a par dos movimentos em torno da fundação de uma república. Nele se publicava assuntos sobre política, economia e acontecimentos do cotidiano da cidade de Curitiba e de outras localidades.

O jornal *O Município* também foi utilizado. Ele funcionou entre os anos de 1897 a 1898 e possuía vínculo direto com a câmara municipal de Curitiba. Dizia-se um jornal imparcial, cuja missão era informar a sociedade curitibana de todos e quaisquer acontecimentos da cidade, sejam esses econômicos, religiosos, literários, científicos ou recreativo, como o caso dos frontões que se inauguravam na cidade. O periódico *A Notícia* foi igualmente consultado. Com circulação entre 1905 e 1908, anunciava em suas páginas que sua obrigação era notificar a sociedade paranaense sobre tudo o que acontecia no estado e no mundo. Enquanto *A Tribuna*, jornal que tratou ocasionalmente do objeto da pesquisa, circulou entre os anos de 1895 e 1896, e se autointitulava uma folha imparcial, publicando assuntos diversificados.

Por fim, entre os jornais que localizamos um debate sobre a pelota basca em Curitiba, com tendência liberal e anticlerical, encontrou-se o *Diário da tarde* (1899-1940). O jornal tinha como propósito exigir do poder público condutas coerentes com os postulados liberais, viabilizando o progresso da cidade e a modernização da vida, mas publicava sobre variados assuntos, indo desde relatos políticos a códigos de postura. Os divertimentos, inclusive, ganharam vazão no respectivo folhetim, sendo encarados como um elemento modernizador (Moraes e Silva 2011).

A partir do suporte empírico das fontes localizadas e considerando todas as suas particularidades para a análise, vejamos como se constituíram as experiências com a pelota basca em Curitiba.

## Moderno e higiênico: o Frontão Turibio e as primeiras experiências com a pelota basca

As primeiras experiências com a pelota basca em Curitiba parecem estar centradas principalmente nas iniciativas de Joaquim Turibio da Costa<sup>6</sup>, negro, alforriado dado a jogatina, de profissão inicialmente ligada a marcenaria e que depois amealhou algum dinheiro como vendedor de bilhetes da sorte, ramo com o qual fez riqueza sendo proprietário da Casa da Fortuna — um empreendimento que ofertava principalmente a compra de tickets premiados e outras atividades lotéricas (A República, 13 jul. 1893, 2).

O primeiro relato localizado das movimentações recreativas do empresário em torno do jogo da pelota basca data no dia 7 de março de 1896, quando o jornal A República (7 mar. 1896, 2) divulgou o seguinte cartaz (Figura 1):

NOVO JOGO DA PELA  
 - Torneio de inauguração, domingo 8 do corrente –  
 AO MEIO DIA EM PONTO  
 1º Pareo Inauguração da diversão  
 2º Pareo – Dr. Xavier da Silva  
 3º Pareo – Quinze de Novembro  
 4º Pareo – Club de Corridas Paranaense  
 5º Pareo – Grande premio Sport Club  
 6º Pareo – Dezenove de Dezembro  
 7º Pareo – Theatro Hauer  
 8º Pareo – Imprensa Paranaense  
 9º Pareo – Treze de Maio  
 10º Pareo – Ultima Novidade

OBSERVAÇÕES  
 Os pareos serão disputados por uma turma composta dos 10 amadores de 5º classe, cujos nomes forem annunciados no dia da inauguração e serão disputados com toda a velocidade. As lutas serão travadas da distancia de 5 metros a partir do aparelho. Os premios para o 3º pareo serão de 3º classe, para o da 3º da 4º classe e para os demais de 5º classe.  
 O torneio se realizará no Theatro Hauer. As pessoas que quiserem se inscrever ao concurso deverá se realizar sabbado, queiram dirigir-se á rua – 15 de NOVEMBRO N.r. 55 – O Gerente – TURIBIO.

Figura 1. A República, 7 mar. 1896, p. 2. (Transcrição do autor)

Na divulgação, há claras menções às estruturas que já logravam sucesso na cidade, principalmente as do segmento midiático, sendo, certamente, uma tentativa de angariar sucesso à promoção do evento. O local estipulado, os salões do vasto Teatro Hauer, era localizado na rua 15 de novembro (de mesmo nome atualmente) na região central da cidade. Contudo, o festival acabou não acontecendo em virtude de os aparelhos utilizados para a disputa ainda não estarem prontos, restando ao público aguardar pela inédita experiência (A República, 8 mar. 1896, 2).

Meses depois, no dia 10 de setembro de 1896, os curitibanos liam um novo anúncio (Figura 2).

O denominado Frontão<sup>7</sup> Turibio foi o primeiro empreendimento especializado na prática da pelota basca localizado em Curitiba. O promotor foi Joaquim Turibio da Costa e o local da esperada estreia foi no Tivoli, um moderno e luxuoso salão frequentemente alugado para eventos variados na época, situado na Rua São Francisco (de mesmo nome ainda hoje). Observa-se que o nome das *quinelas* (nomenclatura usual dada para as partidas de pelota) fazia novamente referência às entidades e aos sujeitos de sucesso, sendo certamente a mesma tentativa de angariar valor a divulgação.

<sup>6</sup> Conseguiu-se coletar essas informações sobre a carreira pública do senhor Turibio numa seção temporária do jornal A Notícia, denominada “os nossos typos populares”, onde os redatores anônimos descreviam pessoas e/ou lugares de Curitiba que fizeram sucesso por suas peculiaridades. Para mais informações consultar: A Notícia, 4 jan. 1907, p. 1.

<sup>7</sup> O nome Frontão foi comumente atribuído aos espaços que ofertavam o jogo de pelota basca no país, devido ao divertimento ser praticado em frente a uma parede de concreto frontal.

Outra tática utilizada na promoção do divertimento foi a associação da atividade como “útil e hygienico exercicio” (A República, 16 set. 1896, 1) para a saúde, sinal de que os divulgadores pretendiam sintonizar ela com os novos tempos, por isso a valorização da educação física e higiene, medidas que, como bem descrevem Dalben (2009) e Melo e Herold Junior (2018), vinham ocupando um lugar de destaque no combate aos desalinhamentos urbanos no Brasil nesse período. A pelota basca teria, nessa perspectiva, uma utilidade valorizada em tempos que cresciam as preocupações com a higiene e outros cuidados do corpo no país e na capital paranaense<sup>8</sup>. A prática de exercícios físicos, inclusive de cunho esportivo, dessa maneira, começava a ser mais valorizada pelos seus possíveis benefícios para a saúde corporal do novo sujeito urbano que a modernidade preconizava do que pelo caráter de jogo ou passatempo desinteressado.

Sobre o cenário curitibano e a valorização das atividades esportivas como elementos úteis para o fortalecimento corporal, Moraes e Silva (2011) detecta que o esporte e a ginástica eram rotineiramente enfatizados nos jornais locais, sobretudo, na transição do século XIX para o XX como ferramentas benéficas para a saúde dos adeptos. Na percepção do autor eram “consideradas moralmente úteis, essas práticas poderiam ativar e proteger a saúde corporal, pois eram grandes aliadas da higiene e da saúde do corpo, marca central da urbanidade” (Moraes e Silva 2011, 76). Discurso que, aparentemente, os promotores da pelota basca estrategicamente buscaram se associar.

Ao que tudo indica, as estratégias de divulgação funcionaram e a pelota basca atraiu público. Dez dias depois da primeira experiência, foram encontrados relatos de mais um evento, dessa vez realizado nas dependências do Teatro Hauer, e com a colaboração do então presidente do Paraná, José Pereira dos Santos Andrade, um republicano convicto, que via e estimulava com bons olhos os elementos de modernidade que aportavam na capital paranaense (Figura 3).

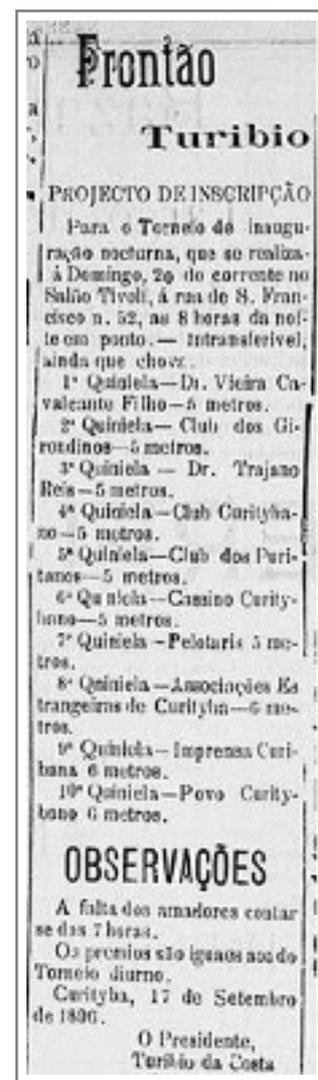


Figura 2. A República, 10 de set. 1896, p. 2.

FRONTÃO TURIBIO (Theatro Hauer)

HOJE DOMINGO, 20. HOJE

Meio dia em ponto (intransferível, ainda que chova)

No torneio diurno, tocará uma banda cedida benemerita e patrioticamente pelo exmo general Castro e no Torneio noturno a banda musical do Regimento sera, cedida igualmente pelo exmo sr. dr. Santos Andrade. De acordo com o art. 370, Paragrapho Unido do Codigo da República Brasileira, apostar-se-ha em poules de 1° e 2° custo de 2\$000 cada uma é; systema este admiravelmente pelo povo fluminense, paulista, hespanhol, francês e etc.

Camarotes de 1° ou de 2°, 5\$000 – Cadeiras 1\$000.

AO FRONTÃO! AO FRONTÃO!

Presidente, TURIBIO DA COSTA.

Figura 3. A República, 20 de set. 1896, p. 3. (Transcrição do autor)

<sup>8</sup> Para mais informações sobre esses cuidados com a saúde junto à prática de atividades físicas na Curitiba da virada do século XIX para o XX, ver Moraes e Silva (2011), Bertucci (2011) e Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018).

O espaço Turibio, além de permitir que os espectadores visualizassem as *performances* dos jogadores, oferecia bandas de música e principalmente a possibilidade de apostar – algo comum em divertimentos da época, especialmente nas corridas de cavalos que já vinham logrando sucesso na cidade desde 1873 com a fundação do primeiro hipódromo de Curitiba (Souza 2014). Se no Turfe os espectadores apostavam nos equinos vencedores, a pelota basca trazia a inédita opção de apostar nos *pelotaris*<sup>9</sup> campeões.

As *poules* (nomenclatura comum das apostas no período) custavam 2\$000 reis cada, preço similar às vendas no Prado de Corridas Paranaense<sup>10</sup>, e eram anunciadas como um sistema admirável por cidades e países cuja adesão a elementos de modernidade já estavam mais desenvolvidos. Certamente essa foi mais uma tentativa de angariar valor a um comportamento que sofreria em Curitiba, ao longo dos anos, duras críticas quanto a sua moralidade (Capraro 2002; Moraes e Silva 2011). Assim, é necessário observarmos que era distinto o perfil dessa iniciativa, pois os discursos de preocupação com a higiene e saúde se associavam, ao mesmo tempo, com a prática de aposta, que estava a ser repudiada, considerada fonte de comportamentos indignos e razão de incoerência com o que se almejava para uma sociedade que deveria aspirar a civilização e o progresso urbano que, como bem sinaliza Azevedo (2016), eram noções que se relacionavam na sociedade brasileira do período em tela, e tinham como objetivos superar elementos considerados ultrapassados, e que de certo modo impediam um melhor desenvolvimento material das cidades e de suas populações.

Assistir às disputadas no Frontão Turibio custava entre 1\$000 e 5\$000 reis. A diferenciação dos valores era justificada por lugares que ofereceriam provavelmente maior conforto, como os camarotes. Esse preço de entradas e apostas era relativamente acessível a uma variada gama da população, o que pode ser um indício da presença de diversos grupos sociais. Para elucidar, os valores eram próximos de outras atrações rotineiras ofertadas na cidade, como os espetáculos do próprio<sup>11</sup> Teatro Hauer, do Circo Serino e da Praça de Touros.

Houve eventos do Frontão Turibio em que as entradas foram gratuitas. Um desses foi realizado na Rua Aquidaban (atual Rua Emiliano Pernetá), local também próximo à região central da cidade (Figura 4).

Apesar das entradas livres, o cartaz era esclarecedor em informar que só eram permitidas “pessoas decentes”<sup>12</sup> (supostamente eram sujeitos que conseguiam controlar seus comportamentos em público) e menores que fossem acompanhados – um indicativo de que alguns mecanismos excludentes eram presentes. As *poules*, nesse anúncio,



Figura 4. *A República*, 25 de set. 1896, p. 3.

<sup>9</sup> Termo usual dado aos esportistas da pelota.

<sup>10</sup> Apostar num cavalo normalmente custava 1\$000 reis (*A República*, 31 de mar. 1896, 5).

<sup>11</sup> A entrada geral para os espetáculos do Teatro Hauer custava 1\$000 (*A República*, 8 jan. 1896, 3). O ingresso mais acessível para frequentar o Circo Serino custava 2\$000 (*A República*, 2 out. 1896, 3), enquanto os bilhetes para as touradas variavam de 1\$000 a 15\$000 reis (*A Tribuna*, 9 nov. 1895, 4), no geral, eram valores acessíveis para um amplo extrato da população curitibana. Os eventos tauromáquicos tiveram sucesso em Curitiba durante o século XIX e início do século XX, para maiores informações ver Gomes e Melo (2021).

<sup>12</sup> Esse tipo de discurso pode ser visto também, ao pensarmos de acordo com as percepções de Bourdieu (1990), como uma tentativa e/ou pretensão de impor uma visão legítima do mundo social, dividindo-o e construindo grupos –segmentados, aqui, entre descentes e indecentes – demarcando, mesmo que subjetivamente, de certa forma, quem poderia ou não fazer parte de determinados espaços da sociedade. Tendo isso em conta, e sabendo das características republicanas do periódico em que a notícia foi publicada, é possível que estivessem se referindo àqueles que não tinham a compostura desejada, isto é, não controlavam seus comportamentos.

tomaram centralidade provavelmente pelo fato de os ingressos serem isentos, o que deixava majoritariamente o retorno financeiro dependente do rateio das apostas.

O Frontão Turibio funcionou em diversos locais da cidade, até ganhar dependência própria, na Praça Tiradentes (de mesmo nome nos dias de hoje), conforme indica o mapa (Figura 5)<sup>13</sup>.



Figura 5. Planta de Curitiba, 1894. Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_de\\_Curitiba#/media/Ficheiro:Mapa\\_da\\_cidade\\_de\\_Curitiba.tif](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Curitiba#/media/Ficheiro:Mapa_da_cidade_de_Curitiba.tif)>.

O círculo vermelho identifica o Largo/Praça Tiradentes, marco central da cidade de Curitiba, local onde nas dependências situava-se o Frontão Turibio.

O traçado roxo corresponde à localização da Rua São Francisco, onde o Salão Tivoli também se localizava e foi utilizado por amantes da pelota.

A linha em preto representa a Rua 15 de novembro, logradouro onde funcionou o Teatro Hauer, espaço utilizado para a promoção de disputas de pelota basca.

Em laranja, a Rua Aquidaban (atual Emiliano Perneta). Nessa rua localizava-se o Frontão Turibio e, posteriormente, o Frontão Curitybano

Em amarelo identifica-se o passeio público, um símbolo de civilização e progresso inaugurado em 1886.

Conforme sinaliza Azevedo (2016), os avanços da engenharia são bons indicativos das transformações materiais articuladas com as noções de progresso no Brasil.

Assim, a nova e específica dependência do Frontão Turibio se consolidava nos jornais como um ponto obrigatório (Figura 6).

#### FRONTÃO TURIBIO

Esteve bastante animado o Frontão Turibio ante-hontem, e muito mais estaria se todos quantos desejavam assistir a esse excellente passa-tempo soubessem do novo local em que elle funciona, e que é na praça Tiradentes n. 30, em frente ao Pelourinho.

Em breve a nova casa será illuminada á luz electrica, terá archibancadas e botequim, havendo funções todas as noites. Nos dias santos e de festa nacional haverá musica.

O Frontão Turibio vai, dia a dia mais se impondo ao nosso publico; assim muito não é vermodo dentro em pouco como um ponto obrigado de bellas reuniões da nossa melhor sociedade.

Figura 6. *A República*, 26 de set. 1896, p. 1. (Transcrição do autor)

Sêga (2001) aponta que a capital paranaense passava a idealizar fortemente, durante os anos finais do século XIX, a constituição de um espaço urbano moderno, e diversas estruturas seriam fundamentais para o progresso da cidade e população, inclusive as recreativas. Nesse sentido, o Frontão Turibio era mais um desses elementos de modernidade, nos quais os indivíduos se forjariam numa experiência cidadina em comum. O empreendimento funcionava todos os dias pela manhã ao meio dia e à noite a partir das oito horas. Além do “excellent passatempo” da pelota, o logradouro trazia consigo o anúncio da implementação de símbolos de modernidade na época, como a luz elétrica, sintoma que indica a sintonia da prática com os ideários progressistas almejados na capital paranaense do período. Ademais, aspectos comuns em empreendimentos recreativos, como as arquibancadas e os botequins, também estavam presentes. Nos dias santos e feriados nacionais era comum a oferta de música, provavelmente mais uma jogada comercial para alcançar frequentadores, visto que nesses dias a pausa no trabalho já era esperada.

Em outros cartazes de divulgação os promotores chegaram a mencionar que as disputas aconteceriam ainda que chovesse, sinal que a nova estrutura da Praça Tiradentes dispunha de um confortável espaço mesmo em dias chuvosos (Figura 7).

Haverá uma excellent banda da musica. Ainda que chova. Não deixem de apreciar o divertimento chá das grande capitaes. Ao Frontão ! Praça Tiradentes. 30 (sobrado). Aos gostosos rateios! (*A República*, 4 out. 1896, 3).

No ultimo domingo a concurrencia foi numerosa, e as poules foram mesmo de deixar aguá na bocca,..Acreditamos que hoje ainda estará mais animado, e realmente derolá dos melhoramentos que o Turibio fez esta semana, o publico não poderá se queixar; pois tem a sua disposição uma elegante e solida archibancada e uma casa de poules “tout-A fait chic”. Só falta a luz electrica que breve será collocada.

Figura 7. *A República*, 11 de out. 1896, p. 1. (Transcrição do autor)

A divulgação não assinada e talvez feita por sujeitos com vínculo ao negócio, reforçava que tudo ali aparentava ser moderno, refinado e elegante – ou melhor, *chic*, uma expressão francesa que chegaria com força nos jornais locais para representar verdadeiras experiências modernas para uma cidade que assim almejava ser.

Sobre as partidas realizadas no Frontão Turibio, essas também apresentavam certas marcas de modernidade: contavam com três juizes responsáveis por assegurar a veracidade de cada ponto e jogada da partida. No relato de um dia de disputas é possível visualizar quem eram e quais eram as funções de cada juiz (Figura 8).

## FRONTÃO TURIBIO

Serviram de juiz de movimento geral o capitão dr. Benjamin Pessoa. Juiz de começo e tempo o nosso collega Leoncio Correia, e de juiz de distancias e pontos o sr. Firmino Castello Branco.

Disputaram a quinelá -os pelotaris Etulain, Cesar, Marityr, Planeta e Florianista, sahindo vencedores, depois de renhida luta, Etulain e Cesar.

Houve grande movimento de poules. O systema de apostas produziu bella impressão dos concorrentes, ficando todos muito satisfeitos com o novo divertimento. Parabens ao operoso e dedicado cidadão Turibio, que por mais essa forma patenteia o seu grande amor á sua terra, pela felicidade e progresso da qual tanto trabalha

Figura 8. *A República*, 22 set. 1896, p. 1. (Transcrição do autor)

Ao que aparenta, os indivíduos encarregados da função de juizes dos eventos eram sujeitos amantes da prática, pois não tinham nesse cargo suas fontes de renda. Nomes como o do escritor Leôncio Correia, membro de uma família importante da economia e política paranaense, e inclusive redator do jornal *A República*, de Firmino Castello Branco, escrivão da caixa econômica da cidade e do advogado e promotor público Benjamin Pessoa, figuraram entre os avaliadores da pelota. É possível que a presença de sujeitos de influência pública encarregados de averiguar a veracidade das disputadas fosse uma estratégia para trazer segurança aos apostadores, resguardando uma certa honestidade na avaliação das jogadas.

Quanto a quem eram os jogadores do espaço Turíbio, esses eram anunciados frequentemente como *pelotaris* amadores (*A República*, 24 out. 1896, 2), e usavam nomes fictícios<sup>14</sup>, dificultando a localização e averiguação de suas nacionalidades, profissões e/ou fontes de renda. O que se sabe é que suas destrezas atléticas eram contempladas, recebendo aclamados bailes em suas homenagens e desfiles até suas residências: “O pelotari Etulain, no qual coube ás horas do dia, recebeu ruidosos applausos e foi levado solemnemente até a sua residencia” (*A República*, 22 set. 1896, 1).

Além de premiações simbólicas, conseguiu-se encontrar prêmios envolvendo dinheiro para o primeiro e segundo colocado, uma presumível evidência de que certos desempenhos eram mais condecorados que outros, como bem evidencia a fonte a seguir (Figura 9).

Todas as quinelas hoje terão premios, realizando-se também um torneio de honra – Grande Premio Puritanos, na qual tomão parte 10 amadores, estando designado o premio de 80\$000 ao 1º e 15\$000 ao 2º.

Com certeza a lucha entre os valentes e destemidos pelotaris, vae ser titanica, emociante, sendo dificilimo dar palp tê certo porem, como já acertamos uma vez, apontamos os amadores etulain e tucuman justamente por estarem caiporas no domingo passado.

Dará maior brillantismo ao torneio uma esplendida banda de musica. Ao meio dia em ponto! Não percam!

Figura 9. *A República*, 11 out. 1896, p. 1. (Transcrição do autor)

Visto o valor<sup>15</sup> dado as *performances* vencedoras e a frequência com que os eventos eram realizados, não é impossível que alguns jogadores sobrevivessem com a renda dessas disputas, embora os mesmos sejam noticiados como amadores.

<sup>14</sup> Houve eventos que os pelotaris utilizaram nomes de estados do Brasil (*A República*, 11 nov. 1896, 2).

<sup>15</sup> A título de comparação, um porteiro da câmara municipal ganhava 1:000\$000 reis, já um arquivista 2:400\$000 (*A República*, 29 mar. 1896. 2).

Curiosamente o negócio que parecia perdurar como uma investida comercial particular, ganharia uma cara clubística, passando a aceitar matrículas e fomentar um sistema de sócios, conforme explicita os requisitos básicos de seu estatuto (Figura 10).

FRONTÃO TURIBIO - RESOLUÇÃO N.1

Acceita matriculados, estabelece direitos, deveres e penas aos mesmos:

O presidente do Frontão Turibio Resolve:

Art. 1 As pessoas de ambos os sexos que desejarem gosar os divertimentos, e melhoramentos que o Frontão promover, poderão ser admitidas como matriculados, sendo para isso essencial:

1º Idade maior de 18 annos e quando menor, com autorisação por escripto de seus paes, ou tutores;

2º Ser o candidato acceito pela Presidencia do Frontão.

3º Declarar o nome. Estado, nacionalidade, profissão e residencia.

Figura 10. *A República*, 3 out. 1896, p. 2. (Transcrição do autor)

Acertando pessoas de ambos os sexos (um indicador inclusive da presença feminina<sup>16</sup> na cena pública recreativa da pelota), a entidade ofertava quatro classes de matrículas, sendo elas: 1) sócios beneméritos – para sujeitos que tenham prestados serviços ao Frontão e convidando mais de cinco sócios; 2) honorários – qualquer pessoa que tenha por sua influência social promovido ações em benefício da entidade; 3) *Grans illuminarios* – indivíduos que tenham contribuições para amparo social superior a 100\$500; 4) Matriculados – aqueles que tiverem condições de comprar a joia do associado (uma espécie de título mensal para fazer parte da instituição) no valor de 5\$000, e forem aceitos pela presidência.

É provável que se encontrasse no Frontão Turibio famílias com alto poder aquisitivo, como os *Grans illuminarios*, e pessoas de estratos médios/baixos em decorrência do valor da joia de matrícula ofertada não ser exorbitante<sup>17</sup>. Contudo, conseguimos localizar normas de diferenciação entre os membros, principalmente para aqueles situados no grupo dos matriculados. Estes, de acordo com o estatuto, deveriam obrigatoriamente aceitar cargos fornecidos pela presidência, além de frequentar continuamente as sessões do Frontão. Caso o mesmo não fosse durante um mês a qualquer evento, teria o título desfeito. Além disso, era válido para todos a proibição de ofender ou atacar qualquer convidado ou frequentador (*A República*, 4 out. 1896, 2), resguardando a moralidade do espaço e evidenciando certas noções educacionais vigentes no espaço de divertimento, mas que deveriam se estender durante toda cena pública.

Ao aderir o sistema de associados, o Frontão Turibio promoveria apenas mais alguns eventos beneficentes disponíveis para o público geral (*A República*, 25 out. 1896, 2), até finalmente anunciar em 7 de novembro de 1896 que o espaço e os aparelhos de pelota ficariam a dispor exclusivamente dos membros (*A República*, 7 nov. 1896, 1).

O Frontão Turibio ainda no mesmo ano ganharia novo nome, passando a se chamar Club Modello, uma agremiação que se auto anunciava filantrópica (*A República*, 27 dez. 1896, 2), cujas atividades ali desenvolvidas não eram muito claras. Intrigantemente, não se conseguiu localizar mais relatos do fomento da pelota basca nessa nova agremiação, tampouco de outras práticas ali

<sup>16</sup> Numa lista publicada pelo jornal *A República* há nomes de alguns dos membros do Frontão Turibio, esses majoritariamente homens militares, médicos, alferes e advogados. Contudo, nela também conseguiu-se detectar a presença da senhora Maria Francisca da Costa Nascimento. Infelizmente não se encontrou informações sobre as influências, as ações ou os parentescos dessa mulher, mas compreendemos que ela pode representar uma evidência da presença feminina em torno dos espetáculos com pelota basca. Para maiores informações sobre os nomes dos sócios da entidade, ver *A República*, 18 de out. 1896, p. 2, e sobre a presença da mulher nos mais variados espaços de Curitiba durante as transições do século XIX para o XX, ler Priori (2017).

<sup>17</sup> Uma vassoura, artefato do cotidiano, custava 1\$200 (*A TRIBUNA*, 21 nov. 1895, p. 3); já um regador e a menor lata de erva mate custavam ambos 2\$500 (*A República*, 7 de jan. 1896, 3; *Diário da Tarde*, 3 de abr. 1899, 2). Nesse sentido, basicamente quem pudesse usufruir de artefatos básicos do dia a dia, de certo modo, poderia pagar pelos valores da agremiação.

realizadas até a sua desativação em meados de 1898, quando Joaquim Turibio deixaria Curitiba e seguiria viajando em excursão pelo Brasil (A República, 18 nov. 1898, 2).

Apesar desse provocante fim das experiências do Frontão Turibio, o jogo da pelota já havia caído nas graças da população e não demoraria a figurar novamente nas ruas de Curitiba, dessa vez por meio de um novo negócio de *pelotaris*.

### “O maior frontão da América do Sul”: Novas experiências no Frontão Curitybano

Tendo em vista que a população curitibana já demonstrava interesse em frequentar os jogos de pelota basca, e que a dinâmica gerava movimentações financeiras, juntamente ao rápido e intrigante desfecho do Frontão Turibio, empreendedores não tardariam para investir em novos espaços para a difusão do divertimento. Em 3 de outubro de 1897, conseguiu-se encontrar um breve pedido de concessão de licença junto à câmara municipal para a implementação de um botequim num espaço denominado Frontão Curitybano (A República, 3 out. 1897, 3), provavelmente feito por Lazarro Parry Pereira e Antonio Asemend<sup>18</sup>, sujeitos descritos como os gerentes desse novo espaço de experiências com a pelota em Curitiba<sup>19</sup>.

Os governantes municipais pareceram concordar com os peticionários, pois no dia primeiro de janeiro de 1898, o jornal O Município (1 jan. 1898, 3) noticiava que haveria a inauguração de um frontão. Começava, assim, a nova temporada da pelota. O espaço era novamente situado na Rua Aquidaban, funcionando todos os dias da semana, inclusive aos domingos e feriados.

No Frontão Curitybano, os botequins e a música também eram presentes. As apostas eram igualmente permitidas por meio de um novo sistema denominado Poules Duplas (A República, 19 jun. 1898, 3), sendo a principal atração do gênero. Além disso, de início, o espaço buscou sempre se modernizar, melhorando suas instalações, principalmente o artefato principal do jogo: o fronte de concreto (Figura 11).

Contudo, nos espetáculos do novo empreendimento havia também características não localizadas nas experiências anteriores, uma delas, a descrição de cores nas vestimentas dos praticantes (Figura 12).

Os azuis *versus* os vermelhos. Supõe-se que as roupas fossem um uniforme, certamente uma medida para proporcionar melhor compreensão dos próprios jogadores e, principalmente, dos espectadores que visualizavam e diferenciavam facilmente as performances de seus *pelotaris* favoritos. Aliás, numa disputa transcrita nos jornais, podemos perceber que debates públicos sobre a valorização de certas proezas atléticas também começavam a ser mais detalhadas e celebradas.



Figura 11. Cartaz que menciona a nova frente como satisfatória até para os mais exigentes. (A República, 20 de maio de 1898, 3.).



Figura 12. Anúncio da partida (A República, 30 de jan. 1898, 4).

<sup>18</sup> Infelizmente não conseguimos encontrar informações sobre a origem e trajetória de vida desses indivíduos.

<sup>19</sup> O Município, 29 de jan. 1898, 2. Esse jornal funcionou entre os anos de 1897 a 1898. Possuía vínculo direto com a câmara municipal de Curitiba. Dizia-se um jornal imparcial, cuja missão era pôr a par a sociedade curitibana de todos e quaisquer acontecimentos da cidade, sejam esses econômicos, religiosos, literários, científicos ou recreativo, como o caso do Frontão que se inaugurava.

Domingo passado, tivemos o prazer de assistir ao partido para que nos convidou o Sr. gerente do Frontão Curitybano. Como estava anunciado para jogar ao meio dia em ponto: a essa hora estava o Frontão repleto de espectadores para apreciar o mesmo partido. Desde que começou a lucta e de um lado, vimos 21 pontos e de outro 25, ficamos indecisos não sabendo quaes seriam os victoriosos, apezar de que Arissala estava bastante caipora. Etulain que foi quem bateu-se com todo o vigor; na verdade foi este pelotario quem nos admirou pela sua tenaz resistencia, pois seu companheiro estava mal e ainda assim luctava com muito ardor para alcançar a victoria.

Larza, como ja dissemos no artigo passado, mostrou-se um velho incansavel, e vimos tambem hontem comandando aos seus dois companheiros e ao mesmo tempo fazendo saques rapudos, alcançou o triumpho e deixou seus adversários em 31 pontos para 40. Abando, como nunca esperavamos, jogou de uma maneira tal, pois defendeu seu posto correctamente. João, tambem defendeu seu posto mas, errou algumas pelotas. De modo que para assistirmos outra lucta igual, esperamos que nos dará o prazer no proximo Domingo, o digno Sr. Gerente (A República, 16 mar. 1898, 3).

Valências físicas, como vigor, resistência, velocidade, precisão, e aspectos táticos, como uma boa guarda de posição, eram enaltecidas. Esse detalhamento relativamente excitado da imprensa referente às ações de jogo até então não localizado no espaço Turibio, pode ser atribuído ao fato dos praticantes do Frontão Curytibano serem majoritariamente indivíduos contratados para demonstrar suas proezas atléticas, e rotineiramente descritos como profissionais da pelota, fazendo com que o público idealizasse prováveis desempenhos dos esportistas durante o jogo.

Na temporada seguinte, em uma reabertura com diversos *pelotaris* contratados diretamente da capital federal, o público provavelmente esperava por belas jogadas. Todavia, num relato de uma disputa, conseguimos localizar que nem sempre os esportistas dispunham de bons desempenhos.

Hontem no Frontão, na ocasião em que o pelotario Agote jogava a pelota esta foi bater à cabeça de um espectador que cahiu sem sentidos, voltando à si dahi a alguns minutos. Ficou bastante ferido. Esse pelotario jogou a pelota com muita precipitação e raiva por estar atrasado em alguns pontos na partida em que jogava (Diário da Tarde, 15 maio 1899, 1).

Assim, passava-se a exigir dos jogadores, além das destrezas físicas, autocontrole durante as partidas para não cometer equívocos como os descritos na fonte. Não apenas o praticante deveria saber se comportar durante as disputas, certos comportamentos também precisavam ser forjados por parte dos espectadores.

Há dias noticiou o Diario da Tarde o facto de ter sido ferido no Frontão um espectador por uma pelota mal e precipitamente jogada.

Essa pelota que fôra bater na cabeça do espectador, cujo nome é Francisco Matuscheski, derrubou-o sem sentidos.

Pois esse homem que em má hora fôra ao Frontão divertir-se acha-se gritantemente enfermo devido ao choque recebido (...)

Os espectadores (...) se devem acautelar durante o tempo de disputa das quiniellas, pois o exemplo que acaba de apparecer prova sobejamente que ha alli pelotários que não dispõem da necessaria perícia (Diário da Tarde, 19 maio 1899, 1).

Na notícia podemos observar a ineficiência por parte de um *pelotaris* ao ferir um espectador com uma bolada. O ferido, Francisco Matuscheski, sujeito de origem polonesa, que apesar do gesto precipitado do esportista, também teve, segundo a descrição jornalística, comportamentos tidos como inadequados durante a disputa. O relato deixa claro que o público deve ter cautela durante as *quinellas*. Sendo assim, era preciso que todos os indivíduos envolvidos nos espetáculos de pelota basca apresentassem certos códigos de conduta. Nessa esteira, a fonte acaba explicitando que alguns sujeitos ainda não apresentavam comportamentos esperados de um jogador e espectador, característica que demonstra que os próprios espaços de divertimentos eram ambientes que formulavam certos comportamentos que a população deveria aprender/executar durante as experiências esportivas. Assim, podemos prospectar que os espetáculos com pelota basca iam muito

além da esfera recreativa, podendo ser percebido como um momento de forjar, idealizar e exibir todo um conjunto de noções esperado durante a cena pública.

Desse modo, os locais de divertimento, inclusive os com características esportivas, eram espaços ideais para os indivíduos mostrarem toda a sua civilização, afinal, o esporte, como aponta Sevcenko (1998), já era uma prática tida como um importante artefato de consumo e diversão dos grandes centros urbanos brasileiros. Nesse sentido, os passatempos, como bem delimita Melo (2019; 2020), se constituíam em uma importante experiência no que tange aos processos de adesão ao ideário e imaginário da modernidade e à materialização de noções de civilização.

O Frontão Curitybano ia de vento em poupa, sempre promovendo constantes reformas. Numa dessas melhorias, a empresa chegou a ser anunciada como o maior espaço para a prática da América do Sul.

Bonitas festas prepara a empresa do Frontão Curitybano para o proximo domingo.

Nesse dia inaugurar-se-á a parede nova que se acha optimamente construida com grossa argamassa de cimento sobre 47.000 tijolos que nella foram gastos.

Há dois mezes que no frontão trabalham diversos operários noite e dia, sem cessar, e se hoje o frontão está pronto para o jogo da pelota é isso devido ao esforço incessante dos trabalhadores que, em tão pouco tempo, reformaram aquelle estabelecimento.

A cancha foi reformada e os camarotes estão resguardados por uma rêde de arame.

O frontão mede 66 metros de comprimento ficando assim o maior frontão da America do Sul, segundo opinião dos entendidos (Diário da Tarde, 29 dez. 1899, 1).

Se era o maior da América do Sul não sabemos, pode até ser que fosse, ou talvez não passasse de um anúncio entusiasmado por parte de um dos próprios promotores do negócio, devido ao fato de a coluna e redação não ser assinada, não conseguimos descobrir ao certo. Contudo, para Moraes e Silva (2011), o Frontão Curitybano desejava se consolidar num importante símbolo de modernidade, um verdadeiro marco da engenharia e arquitetura, e de fato o espaço parecia rotineiramente se vincular a esses pré-requisitos, visto que aprimoramentos eram anunciados constantemente e sempre celebrados com magníficas disputas, conforme explana o cartaz a seguir (Figura 13).

Chamamos a atenção para a presença de *pelotaris* de outras nacionalidades. No Frontão Curitybano, os esportistas contratados vinham de variadas localidades, havia os espanhóis – sujeitos historicamente próximos à prática (Gonzalez Abrisketa 2018) –, mas também houve a participação de jogadores descritos como americanos (provavelmente norte-americanos), argentinos, uruguaios e até mesmo brasileiros, estes recorrentemente anunciados como contratados de outras regiões do Brasil, onde o jogo e o fluxo de imigração estavam mais acentuados, notadamente do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Os camarotes exclusivos para as famílias e as entradas eram dos mesmos valores do espaço Turibio, além de a frequência de alguns indivíduos também não ser permitida. No Frontão Curitybano, não foram poucos os debates públicos e casos policiais relatando clientes pouco educados que insistiram em frequentar as dependências do empreendimento.

No domingo passado deu-se no Frontão um facto verdadeiramente escandaloso e que causou indignação.

Um individuo, cujo nome ignoramos, alli apareceu algum tanto alcoolizado e começou a dirigir improperios a quantos estavam no Frontão. Não contente com isso começou a fazer gestos obscenos

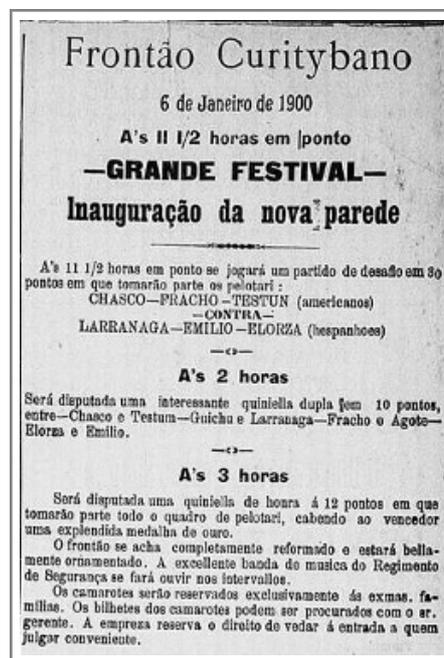


Figura 13. A República, 31 de dez. 1899, 3.

afugentando as famílias e outras pessoas que alli se achavam. Providencias (Diário da Tarde, 31 jan. 1900, 1).

Comportamentos ligados a violência, à baderna, à obscenidade e à bebida eram repudiados ferozmente pelos impressos locais. No caso do Frontão Curitybano, os jornais se mostraram verdadeiros combatentes a tais posturas, sempre condenando e julgando esses comportamentos como inaceitáveis, independentemente de serem realizados na cena esportiva ou em outras esferas do cotidiano. Para Moraes e Silva (2011), os folhetins de Curitiba eram importantes ferramentas pedagógicas, pois ditavam as posturas tidas como corretas e incorretas durante as jornadas da pelota, colocando todos os frequentadores e jogadores dentro de certos padrões de civilidade tolerados ou não nos espetáculos.

Melo (2001) ao explorar a formação de uma parcela do campo esportivo na antiga capital federal Rio de Janeiro, detecta que as práticas esportivas emergiam sob o lume de serem úteis no combate a jogatina e apostas, hábitos rotineiramente associados a bebida e baderna. Em Curitiba, a pelota basca, ao que nos parece, tensiona discursos ambíguos. Ao mesmo tempo em que buscava se relacionar com características atribuídas às práticas esportivas – notadamente seus benefícios relacionados a saúde e higiene, bem como a associação aos discursos de caráter modernizador –, apresentava comportamentos ligados a apostas e tinha em seu espaço a presença de sujeitos com comportamentos moralmente questionáveis, o que de certo modo contrapunha as aspirações de civilidade e progresso que era conferida inicialmente a atividade.

Há que se destacar, que além dos casos envolvendo indivíduos que não sabiam se auto controlar sob os efeitos do álcool, intervenções policiais devido às acusações de presença de crianças ligadas a apostas também ocorreram e geraram debates.

Apezar da proibição da polícia, o Frontão tem estado de repleto de creanças que não só observam o jogo, como também tomam parte na compra dos poules (Diário da Tarde, 16 ago. 1899, 2).

Embora tenhamos inserto em nossa columnas sob o título “Recebemos” reclamações quanto a estada de creanças no Frontão, apeza da proibição da policia, podemos affirmar que no Frontão está vedada de há muito entrada á menores que estes alli não jogam (Diário da Tarde, 19 ago. 1899, 2).

Era estritamente proibida a presença de pessoas menores de 18 anos no Frontão Curitybano, somente sendo possível a entrada quando acompanhadas dos responsáveis. Diante das acusações, a medida adotada pela polícia foi a de colocar um funcionário encarregado de vigiar e fiscalizar exclusivamente as dependências do negócio (Diário da Tarde, 8 jun. 1900, 2). O gerente do Frontão nessa altura era Antônio Gadotti, sujeito que desde 1899 detinha essa função. O empresário dividia o negócio com outro comerciante, o espanhol Francisco Serrador Carbonell, ambos futuramente iriam conquistar Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro com seus empreendimentos ligados ao ramo cinematográfico (Moraes 2012). Além disso, Gadotti e Serrador por diversas vezes na capital paranaense tiveram seus nomes associados ao jogo do bicho (Diário da Tarde, 13 maio 1905, 2). Aliás, foi a presença de bicheiros e tumultos causado por esse grupo que acabaram gerando discussões quanto à decência do Frontão Curitybano e da própria prática da pelota.

Hontem as 4 ½ horas da tarde ia havendo uma scena de pugilato entre dous conhecidos *bicheiros* no Frontão, e da qual poderiam resultar graves consequencias, si não fora a boa idea da policia em ter alli um funcionario encarregado do policiamento interno daquelle estabelecimento.

Depois de apaziguada a briga, foram os contedores expulsos do recinto (Diário da Tarde, 26 jun. 1900, 1).

Assim, a pelota basca em Curitiba foi associada ao jogo do bicho, uma das atividades que compunha o grupo dos jogos de azar durante o período. Gois Junior (2013) indica que se consideravam ilegais, nesse momento no Brasil, os jogos de azar – aqueles que os resultados de suas ações dependessem predominantemente da sorte. Essa característica, porém, não poderia ser atribuída à pelota basca, visto que o desempenho estava direcionado única e exclusivamente às próprias habilidades técnicas e motoras dos esportistas. Apesar disso, ao que nos parece, a relação

dos donos e as confusões causadas por frequentadores ligados a prática de azar acabaram vinculando o jogo da pelota em Curitiba a tais atributos.

Além dos debates a respeito da moralidade dos frequentadores e proprietários, reclamações em fórum público por parte dos vizinhos sobre o perigo e prejuízo que suas famílias vinham tendo devido a residirem próximo às dependências do frontão também ocorreram.

Venho pedir a V.S, publicação destas linhas, para chamar a atenção das autoridade competente para um facto que pode em poucos dias me levar a perpetrar um crime.

Sou morador da Rua Voluntarios da Patria fundos ao Frontão, acontece que quasi diariamente sou prejudicado com as pelotas que sahem do Frontão, quebrando telhas, vidros e ripas da cerca, attetando ao mesmo tempo contra a minha vida e especialmente dos meus filhos, todos menores.

Faz dois mezes que pedi providencias ao sr. commisario da 2º circumscripção e por duas vezes ao dr. chefe de Policia, sem que até agora tenha sido atendido vendo-me agora obrigado a fechar meus filhos durante as funções do Frontão.

Peço por tanto que V S se digne chamar a atenção do sr. dr. Governador do Estado, para evitar um crime certo, pois que eu não estou disposto a ficar por mais tempo n'esta escravidão.

Muito penhorado e agradecido ficarei a V S pela publicação destas linhas. João M. Dandrean (Diário da Tarde, Seccção Alheia, 5 maio 1902, 2)<sup>20</sup>.

Vidros, telhas e ripas quebradas, além do risco eminente de serem atingidos por uma pelota perdida, eram inquietudes da vizinhança quanto às condições de segurança do empreendimento ao lado. A fonte ainda reforça o papel “punitivo” e por vezes pedagógico dos periódicos já levantado em trechos anteriores, sendo frequentemente acionados pela população como meio para reivindicar ações do poder público.

Na visão dos moradores, o jogo ao lado já não apresentava mais uma estrutura moderna suficiente para evitar os danos e não estava mais condizente com os ditames urbanos esperados na capital paranaense. De fato, nesse momento, apesar de constantes inaugurações de paredes concretadas, o Frontão não havia modernizado totalmente sua estrutura, afinal, não possuía uma quadra totalmente coberta e devidamente cercada, o que gerava as rotineiras quedas de pelota e danos nas casas ao lado. Em outra nota, do mesmo vizinho, esses elementos ficam evidentes.

15 dias de estado de sitio, o jogo do bicho.

Si a camara tivesse obrigado o gerente a cobrir o Frontão conforme se achão os Frontões do Rio e S. Paulo, não se teria cabeças rachadas como aconteceu com os proprietario da minha casa, assim como tambem mais dois polascos e um italiano que atordoado ficou estendido no meio da Rua e uma senhora com uma criança no collo recebeu uma pelota na testa que a deixou toda ensanguentada, e cujos primeiros curativos foram feitos pela esposa do Illm. Sr. Xavier, muito Digno Prefeito Municipal, e se não tem havido mais desgraças a lamentar é devido ao pouco transito daquella Rua e os visinhos do Frontão de refugirem-se dentro de casa.

Duvidei que o sr. Dr. Chefê de Policia, permitisse a continuação do funcionamento do Frontão em quanto este não estivesse em condições de funcioanar, porem em vista da declaração do sr. Gerente pode elle durante quinze dias attirar Pelotas em todas as direcções, e llocando-me a min, minha familla e visinhos e mais transeuntes destas ruas de baixo de um estado de sitio sem existir por lei; talvez para proteger um jogo prohibido na Capital Federal, e mais ainda o titulo de entrada para o Frontão vender o bicho cuja extracção é feita ao bello prazer do sr. Gerente sem fiscalisação, sem beneficio de especie alguma e sem garantias de pagamento (Diário da Tarde, Seccção Alheia, 7 maio 1902, 2).

Entre as alegações de que o recinto e proprietários estavam envolvidos com o jogo do bicho, a presença de baderneiros e denúncias da vizinhança devido à pouca segurança da estrutura, as autoridades passaram a tomar providências. Assim, o frontão que em dado momento forjou imagens idealizadas de como se portar durante a jornada recreativa e foi detentor de parâmetros modernos, sofreria fechamento de 15 dias para sanar essas irregularidades. É pertinente ainda

<sup>20</sup> Essa coluna do jornal era paga a parte pelos sujeitos interessados em divulgar alguma cobrança ou investimento. Infelizmente, não localizamos informações sobre a trajetória de vida do senhor João Dandrean.

analisarmos a alegação do enfurecido vizinho ao utilizar em seus argumentos que a pelota basca já estava sendo proibida por lei na capital federal Rio de Janeiro, e de fato o passatempo sofreu duras críticas e intervenções. Melo (2016), ao abordar traços da atividade em terras cariocas, adverte que diversos foram os debates públicos quanto à moralidade da pelota basca, muito em decorrência de sua aproximação com as apostas e os jogos de azar.

Em meio a tantas polêmicas, as notícias sobre o funcionamento do Frontão Curitybano foram se acabando. O controle público deixou claro que o negócio seguiria funcionando, porém com fiscalização policial e desde que não ocorresse o jogo do bicho. Gadotti e Serrador, entre 1903 e 1905, reformaram e promoveram espetáculos esparsos que lograram ainda sucesso. A atração principal foi de jovens *pelotaris*: “Chegaram hontem a esta capital e devem estrear no proximo domingo, no Frontão Curitybano, 6 senhoritas, pelotaris, de 11 a 12 annos de idade” (Diário da Tarde, 23 de mar. 1903, 1). O caráter “exótico” gerou bom público, porém a problemática em relação a aposta e com o jogo do bicho novamente foi pauta de debates.

Com as críticas se tornando mais frequentes, o jogo passou a não ser mais visto como um ambiente rico de comportamentos urbanos, pelo contrário, era vinculado às ações não toleradas numa cidade que buscava referências modernas. Antonio Gadotti e Francisco Serrador, em meio a tantos debates públicos, aparentemente não consideraram mais tão rentável manter o negócio. Ambos passariam a se dedicar exclusivamente ao fomento de outros gêneros de entretenimento, principalmente a um parque de diversões que marcou seu tempo, encarado como símbolo de progresso: o Coliseu Curitibano<sup>21</sup>.

Com suas vastas bagagens para os negócios, possivelmente perceberam que a cidade já não via mais a pelota com bons olhos. Dessa maneira, os empresários arrendaram o Frontão Curitybano a um grupo de amadores que tentaram promover algumas *quinellas*, mas sem muito sucesso (A República, 28 nov. 1905, 2). Mais tarde, em 1941, a pelota basca seria proibida em todo território nacional em função de seu caráter de jogo de apostas.

Por fim, a pelota basca performou como mais uma diversão que se apresentou em uma Curitiba em mudanças e que deixou suas marcas na urbanidade e nas sensibilidades da população, conforme lembra as memórias de Sabóia (1978, 77-8) sobre o Frontão Curitybano da capital paranaense de início do século XX:

Ocupava um terreno espaçoso cercado de altos muros que se estendiam da metade do quarteirão da Voluntários da Pátria até a atual Escola de Música e Belas Artes na Rua Emiliano Pernetta [...]. Um grande portão à rua Aquidaban dava acesso ao recinto: uma praça de esportes modesta, como tudo naquele tempo. Havia uma arquibancada para os espectadores e a cancha onde se praticava o jogo denominado "pelota basca" [...]. Na época [...] as disputas eram frequentes e causavam tanto entusiasmo entre os assistentes quanto hoje desperta o futebol. (Sabóia 1978, 77-8)

## Considerações finais

A pelota basca presenciou e participou das tensões daquela sociedade curitibana que buscava se consolidar num espaço público, moderno e urbano. Para isso, foi articulada com os discursos de adesão e imaginário da modernidade avivados na capital paranaense durante o período em tela, forjando em torno do fomento da prática as relações com a higiene e saúde, e representações sobre sua utilidade enquanto formuladora de comportamentos considerados civilizados durante a cena pública. Contudo, também se instauraram intensos debates quanto a sua moralidade, o que de certo modo contrapunha os discursos ligados a percepções de modernidade e progresso que se intentava estabelecer em torno da dinâmica.

Todavia, ainda que tenham surgido críticas contundentes em torno da pelota basca em função da sua proximidade com as apostas e os jogos de azar que, aliás, foi o aspecto mais vulnerável da prática, a atividade promoveu marcas ao se construir em torno de discursos relacionados com a adesão a ideias de modernidade e progresso. Dessa forma, a prática proporciona debates

<sup>21</sup> Para mais leituras sobre esse parque, ler Brandão (2004).

importantes para discutir as metamorfoses ocorridas em Curitiba – desde os discursos sobre a valorização de seu surgimento até as tensões demarcadas durante seu declínio.

Por fim, a pelota basca é mais um entre tantos outros divertimentos que fizeram parte da realidade de diversas localidades, e que podem nos ajudar a lançar um olhar original sobre a história do lazer, dos esportes e da cidade.

### Referências

- A Notícia. Curitiba*, 4 janeiro 1907.
- A República. Curitiba*, 13 julho 1893, 7 janeiro 1896, 8 janeiro 1896, 7 março 1896, 8 março 1896, 29 março 1896, 31 março 1896, 16 setembro 1896, 20 setembro 1896, 22 setembro 1896, 26 setembro 1896 2 outubro 1896, 3 outubro 1896, 3 outubro 1897, 4 outubro 1896, 11 outubro 1896, 18 outubro 1896, 24 outubro 1896, 25 outubro 1896, 7 novembro 1896, 11 novembro 1896, 18 novembro 1898, 27 dezembro 1896, 16 março 1898, 19 junho 1898, 28 novembro 1905.
- A Tribuna. Curitiba*, 9 novembro 1895, 21 novembro 1895.
- Benvenuti, Alexandre Fabiano. 2004. “As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)”. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná.
- Bertucci, Liane Maria. 2011. “Saúde pública na capital paranaense, dos “bons ares” à febre tifóide.” Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH, São Paulo, julho: 1-12.
- Bourdieu, Pierre. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Capraro, André Mendes. 2002. “Football, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX”. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná.
- Certeau, Michel. 1982. “Operação historiográfica”. Em *A escrita da história*, editado por Michel Certeau, 65-109. Rio de Janeiro: Forense.
- Corrêa, Amélia Siegel. 2009. “Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX”. *Revista de Sociologia e Política* 17, n.º 32: 139-58.
- Dalben, André. 2009. “Educação do corpo e a vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930- 1945)”. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.
- Diário da tarde. Curitiba*, 3 abril 1899, 15 maio 1899, 19 maio 1899, 16 agosto 1899, 19 agosto 1899, 29 dezembro 1899, 31 janeiro 1900, 26 junho 1900, 8 junho 1900, 5 maio 1902, 7 maio 1902, 13 maio 1905.
- Góis Junior, Edvaldo. 2013. “O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX”. *Movimento* 19, n.º 4: 95-117.
- Gomes, Leonardo do Couto e Victor Andrade de Melo. 2021. “- Aos touros - A tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916)”. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- González Abrisketa, Olatz. 2018. “Basque Women on Court: The Success, Repression, and Oblivion of Professional Racket Pelota Players in Spain, 1917–1980”. *The International Journal of the History of Sport* 35, n.º 6: 554-74.
- Herold Junior, Carlos e Victor Andrade de Melo. 2018. “Escotismo e esporte: propostas de educação do corpo no Rio de Janeiro dos anos 1910-1920”. *Revista Brasileira de Educação* 23: e230045.
- Luca, Tania Regina. 2005. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Em *Fontes históricas*, editado por Carla Bassanezi Pinsky, 111-53. São Paulo: Editora Contexto.
- Melo, Victor Andrade de. 2001. *Cidade “sportiva”: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj.
- Melo, Victor Andrade de. 2016. “Mudanças nos padrões de sociabilidade e diversão: o jogo da bola no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)”. *História (São Paulo)* 35, n.º e105, 1-23.
- Melo, Victor Andrade de. 2020. “Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli - um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848)”. *Revista Brasileira de História da Educação* 20, n.º e114, 1-25.
- Molina, Ana Heloisa. 2020. “Temos um Passeio Público, digno desta adiantada capital: espaços de sociabilidades em registros fotográficos do acervo do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930”. *História (São Paulo)* 39, n.º e2020013: 1-30.

- Moraes e Silva, Marcelo. 2011. “Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)”. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas.
- Moraes e Silva, Marcelo. 2015. “Comportamentos urbanos e esportes”. *Licere-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer* 18, n.º 3: 86-115.
- Moraes e Silva, Marcelo, Evelisa Amgarten Quitzau e Carmen Lucia Soares. 2018. “Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914)”. *Educação e Pesquisa* 44, n.º e178293: 1-23.
- O município. Curitiba*, 1 de janeiro 1898, 29 de janeiro 1898.
- Pereira, André Luis. 2016. “Os empreendimentos do Barão do Serro Azul”. XV Encontro regional de História. 100 Anos da Guerra do Constatado, historiografia, acervos e fontes, Curitiba, 26 a 29 julho: 1-13.
- Pereira, Magnus Roberto de Mello. 1996. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Priori, Claudia. 2017. “Mulheres e a pintura paranaense: relação entre arte e gênero (fim do século XIX e começo do século XX)”. *História: Questões & Debates* 65, n.º 1, 359-84.
- Saboia, América. 1978. *Curitiba de minha saudade: 1904-1914*. Curitiba: Editora Lítero-Técnic.
- Sêga, Rafael Augusto. 2001. *A capital Belle Époque: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)*. São Paulo: Aos Quatro Ventos.
- Sevcenko, Nicolau. 1998. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. Em *História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à Era do Rádio*, editado por Nicolau Sevcenko e Fernando A. Novais, 513-619. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, Jhonatan Uewerton. 2014. “O jogo das tensões: clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933)”. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná.
- Trindade, Etelvina. 1992. “Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República”. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo.
- Trindade, Etelvina. 1996. “Cidade moderna e espaços femininos”. *Projeto História*, n.º 13, 109-20.

## ORCID

Leonardo do Couto GOMES  <http://orcid.org/0000-0002-8866-2054>

Letícia Cristina Lima MORAES  <http://orcid.org/0000-0001-9444-8735>